

MENDES CORRÊA

A TEOLOGIA
E A
ORIGEM DO HOMEM

Separata dos n.ºs 1-3 do t. VII

dos

«Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»

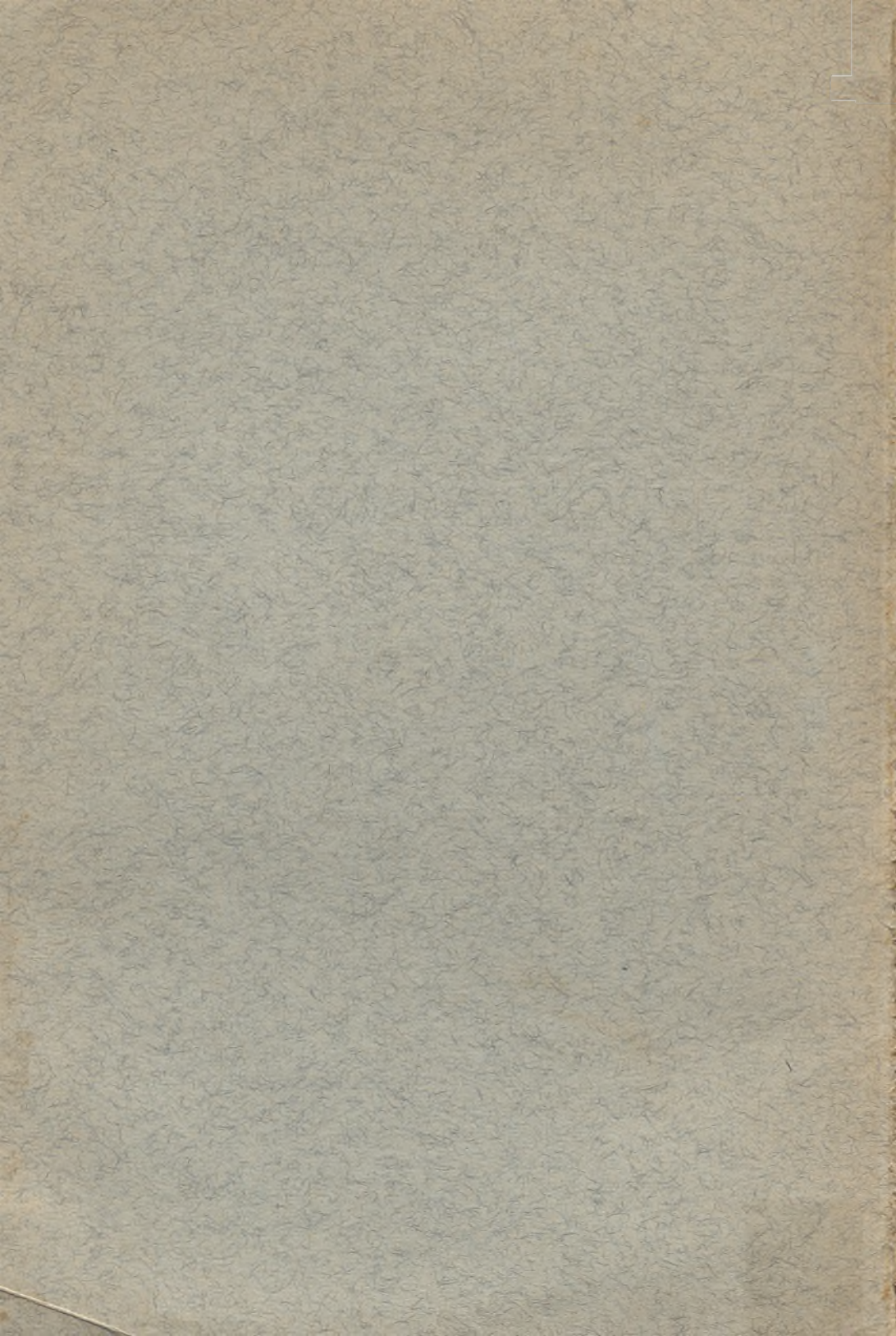
PÓRTO

Imprensa Portuguesa

Rua Formosa, 108

1935

RC
MNCT
2
COR

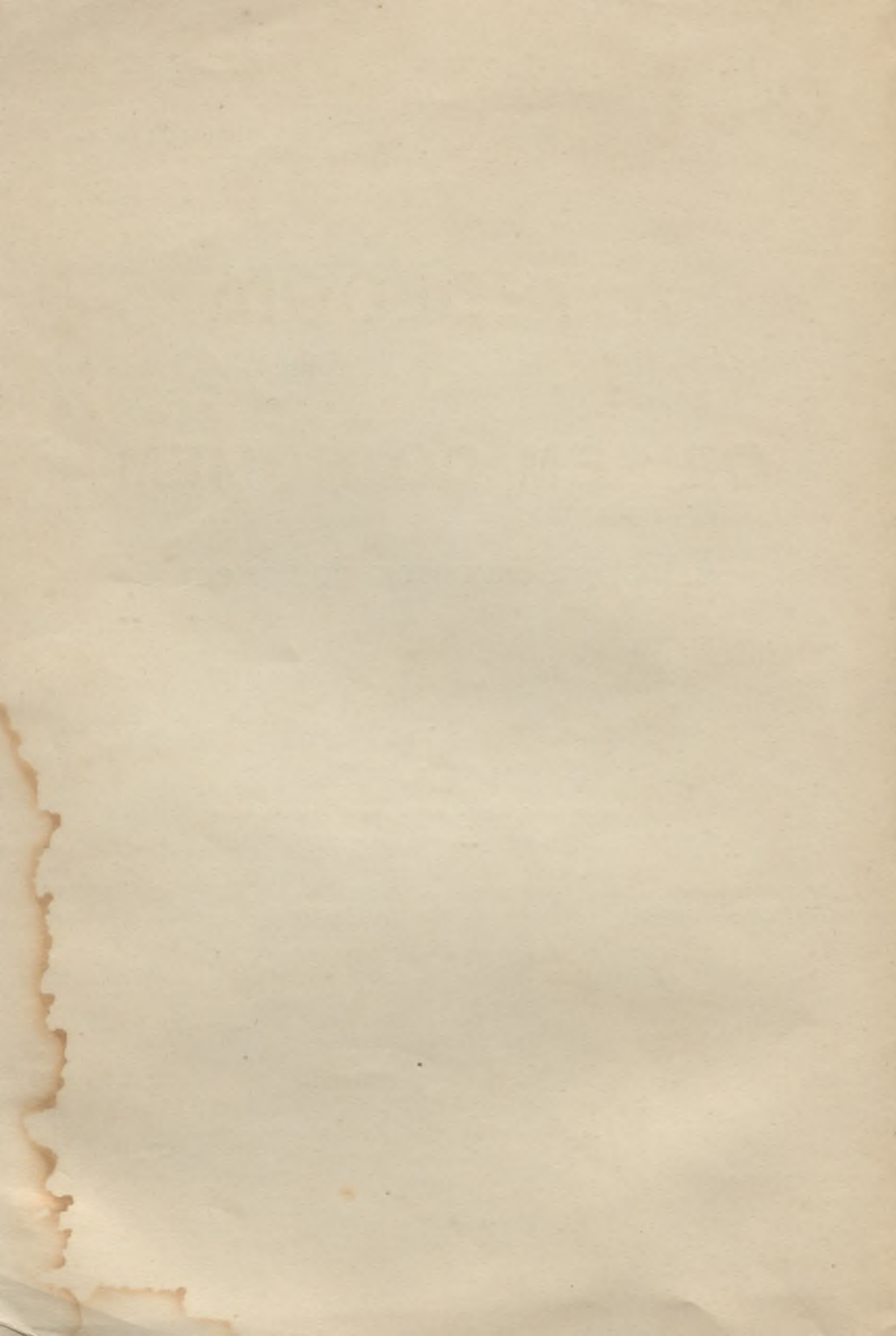


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL PALEONTOLOGIA
E DA ARQUEOLOGIA

1996

Est. 7 Tab. 3 No. 34

A Teologia e a origem do homem



60.

MENDES CORRÊA

A TEOLOGIA E A ORIGEM DO HOMEM



centro ciência viva
RÔMULO DE CARVALHO

PC
MNCT
2
COR

Separata dos n.ºs 1-3 do t. VII

DOS

«Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»

PÔRTO

Imprensa Portuguesa

Rua Formosa, 108

1935

A TEOLOGIA

ORIGEM DO HOMEM



Editorial

UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

A Teologia e a origem do homem

I

A oração de sapiência proferida na sessão solene de abertura das aulas do Seminário do Pôrto em Outubro de 1934, pelo rev. dr. Joaquim Manuel Valente (*A origem do homem, perante o Transformismo, a Filosofia e a Teologia* — Sep. do «Boletim da Diocese», Pôrto, 1934) não se propõe ser apenas uma explanação extra-científica de pura apologética, mas uma crítica sumária das doutrinas transformistas sôbre a origem do homem, crítica feita não só em face do texto bíblico, mas também com base em depoimentos de cientistas. Êste último facto bastaria para indicar que do trabalho nos ocupássemos nesta revista de carácter estritamente científico e aconfessional. Mas parece-nos que a Ciência, entendida no seu sentido corrente, nada tem a lucrar com uma tal indiferença perante o juizo que algumas das suas hipóteses suscitam em qualquer campo do pensamento. Acresce, neste caso, que o autor é um sacerdote culto e inteligente, e, até pelo que pessoalmente diz respeito a quem escreve estas linhas — citado nalgumas passagens — impõe-se o dever de não deixar sem reparo certas afirmações enunciadas no trabalho em questão.

O sr. P.^o Valente, citando C. Bayer, proclama «herético» o dizer-se que «o homem, na sua dualidade de elementos que constituem corpo e alma, procede da evolução animal» e declara «errar filosófica e teològicamente quem nega ao corpo do animal qualquer transformação ao receber a alma racional». Um transformismo moderado que attribue apenas à intervenção divina a

última disposição corporal e a criação da alma, é *sem dúvida* (afirma) também temerário, perante os dados da revelação.

Ora, o próprio A. reconhece que « a Igreja nunca se pronunciou sôbre o estado da matéria de que foi constituído o corpo humano » e, citando Sinéty, diz que o Génesis *parece* (o sublinhado é nosso) claro nêsse ponto. Êste « parece » não se coaduna com o « sem dúvida » que acima sublinhamos também . . .

No que não temos dúvida nenhuma é em divergir do autor, quando êle afirma, por exemplo, que as tentativas de interpretação do Génesis, que negam a êste o sentido literal histórico, não assentam em nenhum fundamento sólido, ou ainda que o transformismo moderado não tem a seu favor um argumento sério.

O Génesis é cientificamente inverosímil se fôr entendido à letra. A sistemática biológica ou a cronologia geológica ali adoptadas não coincidem de modo algum com as estabelecidas pela Ciência do nosso tempo, se se atribuir àquele texto uma significação literal, e não se reconhecer o seu carácter em grande parte alegórico. Só dêste modo é possível conciliá-lo com a Ciência, conciliação que o sr. P.^o Valente diz existir, o que não conseguiria aliás provar versículo por versículo, sem substituir ao sentido literal um sistema exegético que combate. A Comissão Pontificia de Estudos Bíblicos negou mesmo um sentido literal histórico à ordem e a certas passagens do Génesis que considera « uma história popular ».

Bem sabemos que entre as passagens entendidas com o seu valor literal pela Comissão estão as que se referem à criação do homem, mas os limites a adoptar na exegese do Génesis são bastante incertos, e devemos atender à importância que católicos indiscutíveis ligam aos achados da prè-história.

Declarando « misterioso » o mecanismo da geração carnal do homem e da criação da alma, o sr. dr. Valente, ao passo que contesta sôbre a letra da Bíblia que a primeira se possa ter

operado a partir da matéria organizada, afirma que o corpo foi criado directamente do «limo da terra». Sergi, cujo testemunho científico invoca, diz que os grandes tipos biológicos fundamentais não são transformáveis uns nos outros, mas admite que todos vieram separada e directamente duma mesma matéria prima, uma vaga e desconhecida substância coloidal, amorfa, existente no fundo dos Oceanos. Que é mais verosímil? As relações genealógicas entre as formas morfológicamente vizinhas (salvo nos casos de convergência) ou antes um salto colossal do limo referido ou da ignorada matéria primordial de Sergi para a estrutura complexa do homem?

O transformismo moderado—o transformismo de Le Roy, do P.^e Teilhard de Chardin, de Bergson, do P.^e Monchanin— não tem, segundo o Autor, um só argumento sério. O transformismo moderado funda-se— dizemos nós—no reconhecimento simultâneo: 1.^o de uma multidão de factos cientificamente averiguados, que parecem mais explicáveis por evolução, por parentescos, do que por uma criação de que não há na ciência também qualquer prova (porque a revelação só se impõe sem demonstração à fé e não é invocada na pura pesquisa científica); 2.^o de uma multidão de factos cientificamente averiguados, que, pela sua aparição brusca em extremo grau de complexidade, sem precedentes admissíveis, tornam mais aceitável o criacionismo; 3.^o da necessidade de outorgar à mentalidade humana e às fôrças espirituais um papel e uma categoria que o materialismo e o mecanicismo inteiramente lhes contestam.

Suponho que, em mais dum lugar, o sr. dr. Valente considera o transformismo como materialista e mecanicista. Na verdade há, porém, entre os transformistas moderados, muitos vitalistas e espiritualistas. Bem o sabe o A. que, aliás, contesta encontrar-se o transformismo já esboçado em palavras de Padres da Igreja. Ora, ocorre-nos que, relativamente a Santo Agostinho, aludimos

em 1926, na 2.^a edição do nosso livro *Homo*, à tese contestada, baseando-nos na leitura de Zahm, insuspeito de-certo a um teólogo intransigente na defesa da veracidade do texto mosaico. E, na «Exposição do dogma católico» que fêz na enciclopédia religiosa *Ecclesia*, o director do Seminário de S. Sulpício, de Paris, Paul Pigué, escreveu: «Criação não exclue necessariamente qualquer evolução. O dogma da criação instrue-nos sôbre a origem primeira das coisas. Mas é bem evidente que Deus nelas pôs potencialidades de futuro (as razões seminais de Santo Agostinho), e que estas potencialidades devem surgir cada vez mais amplas e cada vez mais complexas à medida que o homem toma conhecimento do mundo. Aos cientistas pertence a discussão, contanto que não esqueçam o que é o homem segundo a razão e segundo a fé».

O nosso livro *Homo* conduziu o sr. dr. Valente a incluir-nos na corrente dos transformistas sem restrições, embora tivesse conhecimento do capítulo *A controvérsia transformista* do nosso livro recente *Da Biologia à História* que também cita. E, no entanto, neste último marcamos uma posição nitidamente moderada, sem exclusão de factos de criação, e num e noutro escritos não defendemos nenhum esquema filogenético, e não ocultamos as lacunas dos conhecimentos actuais a tal respeito.

*

* *

É curioso que o sr. dr. Valente recusa globalmente o valor de «argumentos sérios» a tudo o que, da anatomia comparada, da paleontologia, da embriologia, etc., se tem invocado como favorável à doutrina da existência de transformações, e baseia-se, pelo contrário, em tôdas as dúvidas e hesitações honestamente expostas por transformistas e em tôdas as asserções, mesmo as

mais vagas ou dogmáticas, que contra o transformismo tem sido apresentadas por alguns cientistas. Se não estivéssemos convencidos da boa fé do Autor, não pouparíamos a severos comentários o seu método de discussão e passagens do seu trabalho, como aquela em que diz que a Biologia declarou guerra à Criação ou a que diz fora do método científico a nossa frase de que «a filiação do homem em formas animais anteriores, surge actualmente à maioria ou generalidade dos naturalistas que se ocupam do assunto, não apenas como uma hipótese admissível, mas como doutrina verosímil e mais até demonstrada». Organize-se uma estatística de antropólogos como tais considerados nos meios científicos e verifique-se quantos são os que não aceitam o transformismo na origem humana. Há muitos naturalistas que contrariam o transformismo — particularmente no que respeita ao homem — mas, na sua grande maioria, não são «os que se ocupam especialmente do assunto», não são antropólogos bem ao facto da anatomia comparada, da paleontologia do homem e dos primatas, etc. Talvez o número dos anti-transformistas vá aumentando. Presumo até que assim será, porque após ter sido moda ser-se transformista, está visivelmente surgindo a moda oposta. Os cientistas são homens, e como tais influenciados pelas modas.

Por enquanto, porém, a grande maioria ou a quasi totalidade dos antropologistas é ainda transformista. No último Congresso Internacional de Antropologia em Londres nem um só dos 1:200 congressistas ergueu a sua voz a contestar a asserção dum deles de que todos os biologistas consideram o homem descendente de formas animais anteriores, e os debates sobre a origem humana traduziram, de facto, esta orientação naquela assemblea científica internacional em que se encontravam muitos dos mais categorisados antropólogos do mundo.

Tôdas as aproximações que a anatomia comparada sugeriu

entre espécies diferentes são, entretanto, gratuitamente declaradas pelo sr. P.^e Valente como provas do plano seguido na Criação e não como provas de relações genealógicas entre as espécies. Pois estas relações são admissíveis, sem excluir os factos de criação na origem da vida ou de certas estruturas complexas. Quando a verificação da semelhança entre dois indivíduos nos conduz a presumir o seu parentesco, pode dizer-se que esta *presunção* se não funda num argumento sério, mormente sendo a verificação feita por técnicos? Ficam sempre em suspenso, no estudo científico dos mecanismos da vida, muitos mistérios, muitas maravilhas. Deve porisso a Ciência ser forçada a cruzar os braços, dando como vãos todos os seus esforços para reduzir à condição de processos considerados naturais, os fenómenos da Biologia?

As incertezas que a Ciência honestamente «confessa» ao tentar o traçado de esquemas genealógicos das formas vivas, não autorizam a concluir, como o sr. P.^e Valente, que as relações de parentesco entre espécies não existem. Por não se haver chegado à determinação segura do «missing-link», por não se verificar uniformidade ou paralelismo de direcção ao procurar dispor, para as mesmas formas, todos os caracteres numa escala evolutiva, por não se conhecerem muitos intermediários e por estes faltarem mesmo, naturalmente, nos saltos bruscos que são as mutações, deve concluir-se que o transformismo não tem base científica?

O *Pithecanthropus*, diz o autor, é rejeitado pelos melhores paleontólogos modernos. Perdão. Pode rejeitar-se a entidade taxonómica *Pithecanthropus erectus* e mais ainda, como nós próprios pensamos, a atribuição de todos os restos assim designados, a um só indivíduo e a uma só espécie. Mas não existe nos restos considerados daquele primata fóssil uma caracterização completamente igual à dum homem moderno ou à de qualquer espécie conhecida de antropóide. Porque oculta o sr. dr. Valente que na calote craniana do chamado *Pithecanthropus*, como no homem de

Neanderthal, como no *Sinanthropus*, como no *Sivapithecus*, há alguns caracteres intermediários morfológicamente entre o Homem actual e os Antropóides existentes? O Neanderthal constitui, segundo Boule, citado com justa consideração pelo autor, uma *espécie* distinta do *Homo sapiens* moderno. Para asseverar que « não há nêle nenhuma diferença essencial em relação ao homem moderno », o sr. P.^o Valente invoca os testemunhos de Sergi e Vialleton. Ora Sergi dá ao homem de Neanderthal não apenas o valor *duma espécie*, mas até *dum género*, distinto das formas humanas actuais ou em correspondência, ainda mal estabelecida, apenas com uma ou duas destas. E, quanto a Vialleton, sendo um grande sábio, não tinha no assunto maior autoridade do que o grande paleontologista Boule.

Vialleton, o autor da *Ilusão transformista*, invocado jubilosamente pelo teólogo portuense, ainda é, num recentíssimo livro, *Quid de l'Homme?* de Ernest Lenoir, objecto duma crítica em que são postas em relêvo as suas « razões especiosas », a sua mudez em muitos pontos interessantes, a sua tendência a utilizar apenas os factos que parecem servir as suas teorias. Ninguém tem hoje o direito de negar as chamadas « formas sintéticas » da Paleontologia, a existência de alguns « intermediários morfológicos ». Se aquelas e estes não são forçosamente sempre « intermediários genealógicos », é bem verosímil que muitas vezes os tenham sido. Com razão Lenoir mostra que Vialleton começou por definir inexactamente o transformismo, dando-o como « a doutrina mecanista que explica a formação dos seres vivos pela acção pura e simples das causas naturais ». Mas o transformismo não é isso. Dum êrro inicial, Vialleton foi levado à condenação dum innocente.

Em belas páginas de filosofia biológica, Cuénot escreveu, como o católico geólogo Termier escrevia sôbre o transformismo, que o ser-se mecanicista ou o ser-se vitalista era uma questão de

temperamento ou de fé. O mecanicista, perante a vida, contenta-se em saber como os factos se passam sem se preocupar com o que está para além dêles. O vitalista quer saber o porquê das coisas, convencido de que a realidade tangível não constitue todo o real. Mas o naturalista mais materialista e o naturalista mais vitalista examinam da mesma maneira os factos, simplesmente como naturalistas, porque a ciência não entra em conta com as causas metafísicas.

Já Abel Rey dizia que se não distingue em nada um compêndio de fisiologia dum mecanista do de um espiritualista, na descrição dum fenómeno fisiológico ou duma função orgânica.

*

* *

Ora o transformismo moderado que perfilhamos, apoia-se sôbre numerosas probabilidades e (o que o rev. dr. Valente não menciona) sôbre a verificação experimental de mutações. É cientificamente verosímil. Diz o sr. padre Valente que é contrariado pela revelação. Embora esta não constitua um método científico, lamentaria que aquele sacerdote tivesse razão. Por dois motivos: primeiro, porque «o limo da terra» appareceria não como uma simples imagem simbólica da base material ou natural da existência humana, mas como a expressão real dessa base, rebaixando a directa ascendência humana ao nível da dos seres inferiores; segundo, porque desapareceria a possibilidade duma plataforma entre a Ciência e a Religião cristã, visto que se attribúa ao texto bíblico um sentido literal que nem sempre se coaduna com as aquisições científicas. Reconhecendo à Religião um imprescindível papel moral, entendendo que só ela pode fornecer à humanidade o tonus de que esta necessita perante o angustiado pessimismo que decorre das limitações da visão científica e

da desorientação e perversão das ideas e dos sentimentos — penaliza-nos que alguns seus ministros, em vez de procurarem auxiliar a concórdia entre ela e a Ciência, dificultem tal concórdia sem vantagem para ninguém, senão talvez para os adversários da Religião.

«O cristão. prefere às hipóteses aventureiras, às induções ousadas duma experiência inadequada, os dados certos da revelação»: eis a posição definida pelo autor. A ciência considera mais aventuroso e ousado o que se não baseia na observação rigorosa e objectiva. Cientificamente, o transformismo é admissível e fortemente verosímil. Dos transformistas há uns que são mecanicistas e outros que são vitalistas, como os há materialistas e espiritualistas.

De-certo não nos compete, a nós cientistas, resolver se perante a teologia, os transformistas podem também ser ortodoxos. O sr. padre Valente diz que não. Julgamos, porém, que o não demonstrou, e a opinião de Paul Pigué na *Ecclesia* radica a nossa crença, como a radica o parecer do P.^e Teilhard e outros altos espíritos, a um tempo religiosos e de reconhecido mérito científico.

O discurso suscitaria ainda outras críticas. A distinção nele feita entre vegetais e animais não se funda nos caracteres invocados correntemente pelos biólogos. A motricidade dos animais? A imobilidade dos animais? Mas há animais fixos, e vegetais móveis. Quanto à sensibilidade, na acepção científica do termo, verifica-se também em vegetais.

A asserção de que o homem é superior aos outros seres vivos nos seus caracteres físicos, exigiria uma definição preliminar do que se entende por essa «superioridade». Alguns caracteres humanos só poderão ser apontados como superiores por aparecerem no homem: se os há que sugeriram até a doutrina de Bolk, do retardamento fetal na antropogénese! Segundo

esta doutrina, o desenvolvimento considerável do cérebro no homem teria como compensação a sobrevivência, no homem adulto, de caracteres que são fetais nos Antropoides. Só indirectamente pode, pois, atribuir-se qualquer superioridade a tais caracteres.

Emfim, mais haveria a dizer, mas não nos propomos demover o sr. padre Valente da sua irreductibilidade, visto que o ilustrado sacerdote prefere basear-se *literalmente* na revelação a procurar uma plataforma entre a letra desta e as induções legítimas de factos averiguados pelos métodos científicos. Entendemos, porém, que não devíamos deixar passar sem reparos algumas asserções suas sôbre pretensas ou reais aquisições da ciência, como achamos interessante dar a conhecer aos leitores desta revista o que um professor de teologia e história dogmática pensa da doutrina da origem animal do homem.

Quando nos lembramos dos progressos que a orientação transformista imprimiu a certos capítulos da Biologia, sentimos desejos de perguntar se o triunfo — possível, mas decerto transitório — da orientação oposta se traduzirá por análogos progressos científicos. Duvidamos que assim seja. Mas a história do pensamento e da civilização é feita de avanços e de recuos. Como o pêndulo, o movimento das ideias oscila periódicamente entre posições extremas. E, assim como o pêndulo não se fixa, em equilíbrio, nestas posições, a verdade reside também, em geral, entre êsses limites.

O meio termo não é, contra o que alguns espíritos apaixonados supõem, uma forma pusilânime e acomodaticia: é antes, as mais das vezes — a verdade. Tanto quanto é possível ao homem atingi-la.

Quando, no último número da nossa revista, sob o título que encima estas linhas, demos a sùmula duma oração de sapiência proferida pelo rev. dr. Joaquim Manoel Valente no Seminário do Pôrto, e fizemos algumas considerações sôbre a dita oração, visávamos expressamente dois objectivos: 1.º pôr os leitores dos «Trabalhos» ao facto das ideias dum professor de teologia e história dogmática sôbre a origem do homem; 2.º esclarecer a nossa posição relativamente ao transformismo, visto que, nalgumas passagens daquele discurso, ela não apparecia correspondente à realidade e era dada como ofensiva da religião.

Não supunhamos que o rev. P.º Valente entendesse necessário vir a público discutir as nossas considerações e defender-se da *acusação* de «irreductibilidade» que lhe fizemos. Mas o facto é que o erudito teólogo não ficou satisfeito, e, em separata do «Boletim da Diocese do Pôrto», recebemos 38 páginas impressas, da sua autoria, nas quais volta ao assunto.

Na verdade, se nêle e em nós houvesse o virus da discussão, o culto da dialéctica, ficaríamos, nestas matérias controvertidas, num eterno «dize tu, direi eu» que não adiantaria nada ao que julgamos enfim notório e é: que o rev. Valente se inclina para o fixismo, admitindo no entanto o «transformismo moderado», como hipótese, aliás «pouco provável»; e que nós adoptamos o «transformismo moderado», considerando-o também uma hipótese, mas «fortemente verosímil» e de modo algum heterodoxa perante a teologia.

Razões das nossas atitudes: para o sr. P.º Valente, a revelação e as opiniões anti-transformistas de alguns sábios; para nós,

dum lado o conhecimento duma multidão de factos cientificamente averiguados que é menos aceitável explicar por uma caprichosa e extranha convergência casual do que por uma lógica descendência, de outro lado também as opiniões transformistas de alguns teólogos e doutores da Igreja—embora estas opiniões possam, nos antigos, diferir do actual transformismo, como a antiga exegese bíblica (reconhece-o o sr. dr. Valente) difere das de hoje.

Quere dizer, o sr. dr. Valente argumenta com a teologia ou com a filosofia teológica, e acessòriamente — não sendo naturalista — com testemunhos indirectos e sumários de cientistas; nós argumentamos com os resultados dos estudos de biologia e com a filosofia científica, e, do mesmo modo, acessòriamente — não sendo teólogos — com as opiniões de teólogos, como Teilhard de Chardin, P.^e Monchanin, etc.

Nunca nos propuzemos resolver, por nós mesmos e definitivamente, a questão da conformidade ou não conformidade entre o transformismo e as doutrinas da Igreja, embora desejassemos essa conformidade. Surpreende-nos assim que o sr. P.^e Valente venha aludir à nossa competência... em matéria teológica. O título que demos ao nosso artigo, ao contrário do que escreve o rev. dr. Valente, não significa nada a tal respeito: apenas utilizamos uma parte do título do próprio trabalho do nosso amável contraditor. E fizemo-lo intencionalmente, porque o título dê-se trabalho era... muito longo, e afinal o que dêste nos interessava era a posição do problema das origens humanas perante a teologia, visto que sôbre a sua posição perante o transformismo e perante a filosofia científica, o digno sacerdote nos fará de-certo a justiça de supôr que sabemos alguma coisa...

O sr. P.^e Valente, com todo o pêso da sua categoriã de professor de teologia, chamou-nos «temerário» e preconizou perante os seus ouvintes a doutrina de que o fixismo e a criação separada do homem, no corpo como na alma, são mais consentâneos com

os princípios da Igreja do que qualquer doutrina salpicada de laivos heréticos do transformismo, mesmo do transformismo atenuado. Reagimos contra essa concepção tanto quanto no-lo permitia o conhecimento das opiniões de teólogos. Verificou-se a-final que o rev. Valente não é tão «irreductível» como nos appareceu na sua oração de sapiência. Realmente, quer S. Ex.^a o conteste quer não, Santo Agostinho e S. Gregório de Nissa não se podem dizer fixistas, admitiam uma evolução, e, modernamente, sacerdotes eminentes não mostram perante o transformismo (que não exclua factos de criação ou mesmo uma constante acção divina através da evolução natural) a antipatia que o rev. Valente manifesta... ou manifestou.

O «limo» do Génesis, na formação do homem, apparece ao P.^e Teilhard de Chardin (*Études*, Paris, tomo 166, p. 577) como «um esforço prolongado da *Terra* inteira» e não como um pedaço de matéria amorfa. O mesmo illustre sacerdote, embora reconhecendo as «dificuldades sérias» que o assunto ainda apresenta, entende que as opiniões transformistas, «familiares a S. Gregório de Nissa e Santo Agostinho, não devem desconcertar-nos». Pouco a pouco, diz, se conseguirá o acôrdo entre a ciência e o dogma, «sem regeitar de qualquer lado, o menor raio de luz», a menor parcela de elemento. «A Fé — conclui nobremente — precisa de toda a verdade!»

A seu turno, o P.^e Périer na *Revue Apologétique* (Paris, t. LX, p. 144), considerando manifesto o antropomorfismo da linguagem bíblica, declara que «não nos é vedado acreditar em que o trabalho do divino obreiro, incidiu sôbre uma matéria já viva», porque «a transformação é menos considerável nesta hipótese, visto que o corpo animal se avizinha mais do corpo humano do que a matéria inerte».

Não insistamos. A causa está julgada. Comparem-se as reticências do sr. P.^e Valente ao nosso livro *Homo* com a largueza

de ânimo com que um ilustre membro da Companhia de Jesus que é também um ilustre cientista, apreciou nas páginas insuspeitas da *Brotéria* (vol. V, 1927, p. 242) a 2.^a edição dêsse livro. Transcrevemos as últimas linhas dessa análise: «Para um católico, — conclue E. J. (o rev. Eugénio Jalhay) — poderão talvez ser tidas como menos exactas certas expressões do A., mas a elas não terei dúvida de aplicar, fazendo-as minhas, as palavras de P. Teilhard de Chardin, ao analisar na Revista *Études* (Março de 1921) a obra clássica de M. Boule: *Veillent les philosophes et les théologiens qui rencontreront ces phrases contestables ne pas se laisser impressionner par les mots, mais chercher à transposer dans un langage orthodoxe un enseignement dont les grandes lignes, sous un voile encore épais de conjectures et d'hypothèses, paraissent conformes à la réalité.*»

*

* *

O sr. dr. Valente não é naturalista, nós não somos teólogos. Ora, do mesmo modo que julgamos fóra do domínio da nossa competência debater a questão dogmática e teológica, a exegese bíblica, etc., e apenas invocamos a tal respeito opiniões alheias, também supomos que o rev. Valente não pretende invadir com opiniões próprias o domínio científico. Os pareceres de cientistas em que se procura fundar, são respeitáveis em grande parte, mas nem são sempre susceptíveis da interpretação que lhes dá, nem algumas vezes valem tanto como factos objectivos que nos parecem mais concludentes. . .

Temos muita consideração por Sergi e Vialleton, por exemplo, mas não somos obrigados a partilhar as suas ideias sobre a evolução. Em vários trabalhos discutimos com elementos positivos as doutrinas de Sergi, mostrando a sua inverosimilhança. Para

quê voltar ao assunto? Diremos apenas ao dr. Valente que o sábio italiano não é tão respeitador dos foros e da independência augusta do agrupamento humano que não procure em formas animais, como o *Propliopithecus* e o *Parapithecus* do oligoceno de Fayum, os representantes terciários daquele agrupamento...

O *Propliopithecus* — que teria o tamanho de dois palmos!? Quem conheça os trabalhos de Dubois e de Lopicque sobre as dimensões relativas do cérebro e do corpo nos Mamíferos e nas Aves, não poderá admitir um homem adulto com aquele tamanho, como não admite a verosimilhança dos pigmeus de Gulliver. Tais anões seriam quasi apenas cérebro!...

Mas sorri mais ao rev. Valente o poligenismo de Sergi do que o nosso transformismo moderado, monogenista? Não o cremos, porque o rev. Valente é, sem dúvida, monogenista. E já reparou o ilustrado sacerdote em que Sergi, em quem tanto se apoia, não invoca senão factores *naturais* nos processos formativos das espécies? Nos seus livros *I Mammiferi*, *Il posto dell'uomo nella natura*, *Problemi di scienza contemporanea*, etc., êle procura mostrar a origem marinha da vida e dos próprios Vertebrados, de todos os Vertebrados, descreve nebulosamente a embriogenia *formativa* das espécies, diferente da embriogénese individual, fala da matéria bio-química amorfa que daria todos os *tipos* biológicos em saltos que mais cabe classificar de « troppo acrobatici e perciò irrazionali » (as palavras que êle mesmo aplica ao modesto mutacionismo de De Vries), etc. etc. Pois não nos consta que se documente com « a letra » do Génesis para todos êsses paradoxos que, como já dissemos, não vamos agora discutir de novo.

Queria o sr. dr. Valente que desfiássemos aqui os **factos**? Mas a anatomia comparada e a paleontologia fornecem-nos um sem número dêles. Encontram-se nos livros modernos de Caullery, Guyénot, Labbé, Rabaud, Cuénot, Abel, Broom, Osborn, etc. Porém, as atitudes que alguns despertam nos próprios cientistas,

são diversas: dêstes uns falam em paralelismos, em coincidências, outros invocam relações genealógicas, para os explicar. Confessamos, por exemplo, que o grupo fóssil das Pteridospérmicas ou *Cycadofilicales* nos aparece, na Botânica, duma eloqüência surpreendente e formidável para fundamentar o parentesco mais ou menos remoto entre as Pteridófitas e as Espermatófitas, a gradual aparição da flor. Pois alguns cientistas não encontram nesse grupo uma tal significação. Continuamos entretanto na nossa. O rev. Valente adoptaria de-certo o parecer dêstes especialistas. . .

O grupo dos Antropóides fósseis possui formas com alguns caracteres que, a nosso ver, como na opinião de tantos outros naturalistas, denunciam, senão relações genealógicas directas com o homem, pelo menos uma pluralidade de direcções evolutivas, entre as quais *é verosimil* ter aparecido a que conduziu ao homem, o que se depreende das afinidades *humanoides* de certos caracteres de alguns. Quere o sr. dr. Valente saber quais são êstes caracteres: faça favor de lêr o nosso *Homo*, 2.^a edição, pp. 83, 88, 91, 95, 102, 103, 116, 117, etc.; pode lêr os trabalhos de Sera, Boule, Elliot Smith, Keith, Hrdlicka, etc., etc. Não há *uniformidade* de tendências em todos os caracteres? Mas, se houvesse, não estaríamos talvez aqui a discutir, porque a sentença teria de-certo passado já em julgado entre os cientistas. A ciência não é dogmática, e onde não tem a certeza sensível contenta-se com cautelosas hipóteses.

O simples título duma conferência do sábio paleontologista da Sorbonne, Prof. L. Joleaud, publicada no Boletim da Associação Francesa para o Avanço das Ciências (1932, p. 593) é bem expressivo. Intitulou-se êsse trabalho: «*Os Primatas fósseis intermediários entre os Simios antropóides e os Homens*». Falando das descobertas do *Pithecanthropus*, do *Sinanthropus* e do *Eoanthropus*, o eminente paleontologista afirma que êsses organismos «*viennent si naturellement combler la lacune séparant, dans le*

monde actuel, les Anthroïdes des Hominiens, au milieu de la série des Primates. »

Aqueles caracteres do *Pithecanthropus*, que são intermediários entre os do homem e os dos Antropóides, figuram em manuais e tratados de Antropologia, como figuram os que são mais humanos e os que são mais pitecoides. O *Sinanthropus* de Pequim veio ainda trazer mais elos para êsse encadeamento morfológico: os estudos de Davidson Black, do P.^e Teilhard, etc. o mostram sem hesitação. Note-se que êsse encadeamento morfológico não nos parece cabalmente demonstrativo duma genealogia directa, mas é um índice perturbante, difficil de remover... Cada vez aparece menos fácil a separação estanque, nítida, entre os *Hominidae* e os Primatas seus próximos vizinhos. Em que formas fósseis surgiu a linguagem articulada? Sabe-o o sr. dr. Valente? Nós não sabemos.

Reparou já o sr. dr. Valente no que escreveu Boule — cuja autoridade justicadamente lhe merece o maior acatamento — sobre os caracteres do *Pithecanthropus*? Pedimos que releia: «Basta desde já afirmar o facto incontestável (*incontestável!* — está lá com todas as letras): a calote craniana do *Pithecanthropus* realiza verdadeiramente um intermediário morfológico ideal entre crânios de Símios Antropomorfos, como o Chimpanzé e o Gibão, e um crânio de Homem» (*Les hommes fossiles*, 2.^a ed., Paris, 1923, p. 25). E sobre o cérebro do homem de Neanderthal? Se o sr. P.^e Valente leu essas páginas, é impossível que a origem animal do corpo humano lhe não tivesse aparecido à mente, mesmo de fugida, senão como uma evidência, pelo menos como uma presunção fortíssima. Só se o seu espírito se immobilizou, se estereotipou, numa fórmula arbitraria, cerrando definitivamente as portas, num mecanismo psíquico incompreensível, a qualquer nova evidencial...

Bem sabemos que intermediário morfológico não significa necessariamente intermediário genealógico! Mas o *Pithecanthropus*, o *Sinanthropus*, o *Australopithecus*, os homens de Mauer e de Nean-

derthal, trazem testemunhos morfológicos tão impressionantes, através de tudo!... Numa casa praticou-se um crime cujo autor se ignora: sucede que fôra visto, momentos depois, a sair furtivamente dessa casa um indivíduo estranho. Não há outros indícios. Que faz a polícia? Prende ou procura prender êsse indivíduo. Porque êle é, necessariamente, o criminoso? Não, mas porque é natural que o seja, ou, pelo menos, que seja testemunha e possa esclarecer o caso. O rev. Valente, se fôsse comissário de polícia ou juiz de instrução, deixava-o fugir, pôr-se a bom recato. Que será preciso para que o estimável sacerdote prenda o *Pithecanthropus* como suspeito? Nem pelo mal que faz às suas ideias?

Concordamos em que a morfologia não basta para concluir definitivamente, se bem que muitas disposições comuns no homem e nos animais possam ser encaradas, senão como «prova directa» da evolução, pelo menos como tendo um valor probatório, análogo ao que pode ter em juízo uma série de fotografias, ou uma reconstituição cinematográfica dum crime, por exemplo. Da embriologia dizia o grande Brachet: «se a ontogénese não reproduz antepassados, testemunha em todo o caso a existência dêstes». A embriologia dos Tunicados é um argumento formidável em favor do transformismo, deem-lhe as voltas que derem.

Mas, a propósito de morfologia, concordemos mesmo com Sergi (aliás, acima de tudo, morfologista) em que «se tem atribuído à morfologia o primeiro lugar, à função o segundo, como uma dependência» — numa inversão de valores. Vamos, pois, à fisiologia. Não são eloqüentes as afinidades fisiológicas entre os homens e os animais? Não é favorável à tese do parentesco o estudo das reacções hemáticas? Não servem os animais de material de experiência para o estudo da fisiologia, da patologia, da terapêutica no homem?

No seu estudo *The evidence bearing on man's evolution* (Washington, 1928), o ilustre antropólogo americano Ales Hrdlicka

chama a atenção para semelhanças do homem e de outros mamíferos no modo de concepção, no processo de desenvolvimento, no curso da vida, na senescência — e até na morte. Invoca semelhanças biológicas, semelhanças químicas, as analogias de todos os processos vitais, os soros, a opoterapia, outras afinidades glandulares, digestivas, circulatórias, etc. Apenas reconhece a superioridade humana nas mais altas manifestações mentais, porque na vida psíquica inferior ainda admite comunidade (instintos, medo, desejos, paixões animais)...

Negar o parentesco corporal entre o homem e os Primatas, negar a significação eloqüente das analogias de processos biológicos fundamentais de seres inferiores até ao homem, não será, pois, negar uma verdade flagrante, não será uma cegueira obstinada e incompreensível, não constituirá uma ofensa à própria Razão humana? Analogias não significam necessariamente relações de filiação directa, mas tornam imensamente verosímil o parentesco. Êste quer dizer origens comuns — longínquas ou próximas, mas comunidade de origens.

O rev. Valente julga-nos mutacionistas e invoca opiniões contrárias ao mutacionismo. Poderia juntar-lhes mais. O próprio Felix Le Dantec imaginava as mutações incidindo apenas sobre caracteres de segunda ordem ou «de ornamentação». Mas ninguém hoje pode duvidar de que *há mutações!* Provocam-se nos laboratórios. Ninguém hoje as nega, a sério, dentro da ciência. Podemos debater a sua extensão, o seu papel na génese de novas espécies (espécies biológicas — não as vagas espécies de que por vezes fala o rev. dr. Valente). Não se podendo já discutir se há ou não mutações, pode-se ser ou não mutacionista, isto é, explicar ou não por mutações a evolução.

No entanto, se à nossa vista há *saltos* pequenos no mundo vivo, há o direito de contestar *in limine* que nos milénios incontáveis dos tempos geológicos tenha havido *saltos* um pouco maiores?

A existência de soluções de continuidade, de lacunas, na sucessão das floras e das faunas, é perfeitamente explicável se atendermos às condições de formação dos estratos terrestres. Se essas lacunas não existissem e se os fósseis hoje conhecidos representassem mais do que a ínfima fracção, que representam, das espécies que realmente teem vivido à superfície da Terra, talvez não se levantassem as dúvidas que alentam discussões como esta...

Continuamos a afirmar ao sr. dr. Valente que a maioria dos especialistas que se ocupam da paleontologia humana e da antropologia física, são *ainda* transformistas, e bem sabemos que assim é porque temos andado por Congressos e institutos científicos da especialidade, lêmos a bibliografia desta. «Está-se quasi universalmente de acôrdo sôbre o facto de que o homem descende dum símio antropóide» — escreve R. Broom no seu recentíssimo livro *Les Origines de l'Homme*. E o mesmo autor admite «uma fôrça inteligente a dominar a evolução». Isto não agrada ao rev. dr. Valente?

Muitos (não nós — que nunca o dissemos como opinião *nossa* nem na 1.^a edição do *Homo*) dão até o transformismo como *demonstrado*, o que, a nosso ver, está longe de ser exacto. A *moda* fixista voltará? Talvez; entretanto, contra o que o rev. dr. Valente insinua, ela não alterará os *factos* positivos da Biologia, as aquisições tidas como *certas* pela ciência, mas as interpretações dêsses factos, as *hipóteses* erigidas sôbre êles. A variabilidade das orientações científicas não é um motivo para a ironia com que o culto teólogo se lhe refere, mas antes um motivo de respeito pela ciência, que honestamente reconhece as suas incertezas e, sem anqui-loses, sem desânimo perante as dificuldades, sempre está pronta às revisões, a recommear... As incertezas da ciência — a qual, aliás, tem também certezas — não impedem que dela tenham já resultado benefícios incalculáveis para a humanidade.

Continuamos a afirmar que o que distingue os animais dos

vegetais não são a motricidade e a sensibilidade nos primeiros, como dizia o rev. Valente. Há mais de 20 anos que professamos cursos superiores de biologia e nunca adoptamos nem vimos adoptado êsse critério distintivo. Também quando preguntámos ao rev. Valente qual era o seu critério de «superioridade» de caracteres físicos do homem, fizemo-lo por êle não aludir então aos caracteres relacionados com a vida psíquica. Na verdade, em que é, por exemplo, que o aparelho digestivo do homem é intrinsecamente «superior» ao de muitos animais?

Quando expuzemos a tríplice razão do nosso transformismo moderado, conjugamos intencionalmente elementos dos quais uns favoreciam o criacionismo, outros o transformismo, chegando assim a uma fórmula transaccional intermédia. Dizendo que as nossas razões a favor da criação não contrariavam o fixismo, o rev. P.^o Valente abriu uma porta aberta.

*

* *

Muitas outras passagens haveria a comentar ou sublinhar, mas basta-nos registar que o sr. dr. Valente nos não apareceu no seu segundo artigo tão irreductivel e apaixonado como no primeiro. Falando em «apaixonado», há de nos permitir dizer sem ofensa, que sorrimos ao ler as suas alusões à nossa «paixão» em favor do transformismo. Mas o certo é que nos felicitamos por ter provocado num professor de história dogmática declarações que tendem a estabelecer uma ponte de bom entendimento entre a ciência e a religião. Afinal o rev. Valente aceita uma exegese do Génesis conforme com a ciência moderna, considera-o uma história popular e reconhece que, escrito numa época distante da nossa, concebe certos factos duma maneira hoje inadmissível. Mas, diz, a sua finalidade é diferente da da ciência e o que nele importa

não são aspectos episódicos, as causas segundas, não se devendo confundir inspiração com revelação.

Afinal, embora o rev. Valente afirme que a Teologia é também ciência, embora combata o «desprêzo» (que não perfilhamos) dos positivistas e de alguns cultores das ciências experimentais, pela filosofia, pela metafísica e pela revelação, embora repita a frase de Moreux, de que o facto da revelação é de ordem experimental (neste ponto parece que surge uma confusão entre a análise «científica» da historicidade da revelação e o carácter estritamente científico que esta possua como método e fonte do conhecimento), embora nos acuse indevidamente de «relegar para segundo plano» a Teologia e a Filosofia (que estamos nós a fazer aqui senão filosofia sôbre dados da ciência ou da fé?), embora diga que os cultores das ciências físicas possuem a tendência a não admitir outras verdades ou certezas que não sejam as fornecidas pela experiência e pela observação externa e sensível — é êle mesmo que reconhece que a teologia e a revelação se ocupam das causas primárias, e a ciência trata das causas segundas, e é êle mesmo que escreve que «a Bíblia e a ciência não têm o mesmo fim nem o mesmo objecto, e não usam o mesmo método».

Exactamente, sr. dr. Valente! O método do teólogo, a revelação, a fé, são diferentes do método que o cientista — *no domínio puro da Ciência* — segue. É legítimo ao cientista filosofar, procurar, sôbre as verdades positivas, experimentais, ascender a problemas de ordem geral, à metafísica. Podemos ainda considerar êsse esforço como científico, se bem que em geral conduza a hipóteses, não a conclusões demonstradas como um teorema. Não é vedado também ao cientista procurar relacionar as verdades experimentais e essas hipóteses e explicações com os postulados que a fé religiosa impõe aos crentes, sem a necessidade e a possibilidade de demonstrações científicas. Está êle ainda no seu direito — e, por nós, entendemos que faz bem. Mas, ao entrarmos no domínio

puro da fé religiosa, já não nos encontramos no campo estrito da ciência. Isto não quer dizer que não haja uma ciência, uma história, uma filosofia das religiões, temas que ocupam simultaneamente a atenção do cientista e do crente.

As atitudes, os processos de indagação, as preocupações, do teólogo — como teólogo — e do cientista — como cientista — é que se não confundem, embora o teólogo possa fazer ciência e o cientista possa colaborar na teologia.

A prova da diversidade dos dois domínios do pensamento dá-a afinal o próprio dr. Valente, quando mostra que até palavras do vocabulário habitual tomam sentidos diversos na bôca de um cientista ou na bôca dum teólogo. Não precisamos de deitar abaixo das estantes os dicionários consagrados e os compêndios mais autorizados de ciência para verificar a legitimidade semântica da nossa compreensão de termos como «temerário», «espécie», «sensibilidade», etc., que, fundado nos seus expositores, o rev. Valente entende de maneira diversa da nossa. Dir-se-ia que falamos linguagens diferentes. O caso de Lapparent, dizendo que, se tivesse de resumir em quarenta linhas as aquisições mais autênticas da Geologia, copiaria o texto do Génesis, é simplesmente lamentável. Os seus notáveis tratados de Geologia e Geografia Física não autorizam a supôr que essa frase fôsse mais do que uma *boutade*, imprópria do sábio insigne que foi Lapparent. Nada nêsses livros reproduz o esquema do Génesis. O próprio dr. Valente reconhece que o Génesis é uma «história popular» escrita para uma época em que se não sabia o que se sabe hoje! Ao dizer aquela frase, Lapparent esquecera tôda a geodinâmica, tôda a tectónica, tôda a estratigrafia, tôda a geologia moderna.

Pensando precisamente na referida variabilidade de acepções vocabulares e lembrando as incertezas de limites na interpretação de textos sagrados como o Génesis, onde, como diz o rev. Valente, o «dia» pode não significar «dia», e a distinção entre «águas

superiores» e «águas inferiores» pode não corresponder a distinção nenhuma, nós encerramos, pela nossa parte, esta discussão cortez e desapaixonada com aquele sacerdote, registrando com prazer que o mesmo sacerdote reconheceu: não ser adverso à Religião o «transformismo moderado»; não ser êste necessariamente materialista e mecanicista; haver um transformismo dos Padres da Igreja a que é simpática a «Criação evolutiva»; não poder o Génesis ser entendido à letra em face das aquisições científicas de hoje; não saberem ao certo os teólogos qual o «limo» empregado por Deus para formar o homem; ter o transformismo dado um grande impulso ao progresso da ciência; enfim não ser profunda a nossa discordância.

Felicitemo-nos por ter provocado estas afirmações que mostram não ser afinal commôco que se entendiam as palavras com que o sr. dr. Valente justificava a escôlha do assunto para a sua «oração de sapiência».

O prolongamento dêste debate não se explicaria, pois, da nossa parte. Limitamo-nos a afirmar ainda a nossa convicção sincera de que o acôrdo, a conciliação, são possíveis entre a Religião e a Ciência, desde que teólogos e cientistas se concedam mutuamente: 1.º que a revelação é o reconhecimento indefinido — mas certo —, não demonstrado cientificamente — mas seguro —, duma Realidade essencial, formidável, magnífica, imensa, que escapa aos meios limitados da análise sensorial mas que se nos impõe à razão e à fé, e que domina fulgurantemente o Universo; 2.º que a ciência é o reconhecimento definido, preciso, de múltiplas realidades mais modestas, mais fragmentares, aliás também interessantes e úteis, que se verificam experimentalmente, patenteando-se à nossa indagação metódica, na existência quotidiana e no mundo de relações em que esta se desenrola.

Não temos a idolatria da Ciência, mas respeitamo-la e admiramo-la no seu esforço porfiado e útil através dos séculos. Bem

sabemos que, para além do seu domínio, há um mundo imenso perante o qual ela confessa honestamente a sua ignorância. Apreciamos mais esta confissão do que a olímpica superioridade dos que tudo sabem ou tudo supõem saber, desdenhando do trabalho recatado, mas fecundo, dos laboratórios, e sorrindo perante as limitações naturais do conhecimento científico. Tem a Ciência aplicações nocivas, como as mortíferas na guerra? Não tem tido a Religião paladinos que com os seus crimes mais a prejudicam do que a servem? E não abundam duma e doutra os benefícios?

Mas fiquemos por aqui. Iamos abandonando os pontos iniciais do debate e esquecendo que estamos a escrever numa revista exclusivamente científica. Ora, se, como já afirmamos, nos pode interessar o que de alguns nossos estudos se diz noutros campos do pensamento, não temos o direito de modificar a atitude neutral, aconfessional, destas páginas em matéria religiosa. É a atitude do cientista como cientista. Nada proíbe, porém, que, como homem, êste seja também um crente. Pensamos mesmo que, numa visão integral do Universo, num conceito justo da finalidade da existência, o deve ser. Mas isto já não é para aqui. Escrevemo-lo apenas em resposta ao sr. dr. Valente e para todos os leitores que não detenham as suas curiosidades e os seus interêsses mentais na zona fronteira entre o domínio científico e a especulação metafísica.

NOTAS

Ao revêr as provas tipográficas da separata dêstes artigos, encontramos passagens que nos sugeririam ainda um sem número de considerações complementares. O tema é inexgotável. Mas desejamos conservar-nos dentro de limites de espaço que nos impuzemos.

Sòmente acrescentaremos algumas notas a duas passagens. A primeira destas (pág. 10) é a que se refere à legitimidade do binome *Pithecanthropus erectus* para os restos de Trinil e à classificação dêstes restos como dum ou de mais indivíduos. Posteriormente à publicação do artigo, voltamos a ocupar-nos do assunto, perante novos elementos, numa análise nos « Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto » (t. XIX, p. 187) a um recente artigo de E. Dubois sôbre o desenvolvimento filogenético do cérebro. Como se sabe, o *Eoanthropus Dawsoni*, decomposto por Miller em um chimpanzé fóssil (a mandíbula) e um *Homo Dawsoni* (os restos cranianos), foi de novo reconstituído com outros achados ulteriores, que permitem voltar à primeira concepção. Assim também outros fêmures achados em Java, com os caracteres do primeiro, vieram, senão tornar definitiva a classificação de *Pithecanthropus erectus*, pelo menos mostrar que as diferenças morfológicas que o primeiro fémur apresentava em relação à forma predominante no homem moderno e que Hepburn e outros consideraram dentro dos limites de variação do *H. sapiens*, não constituíam uma variação accidental, mas uma estrutura típica duma forma fóssil. É esta a portadora da célebre calote craniana do *Pithecanthropus*? A dúvida que a tal respeito emitimos, vai-se atenuando em vista dos novos elementos e em face do que se passou com o *Eoanthropus*. Acresce que a descoberta do *Sinanthropus*, com as suas afinidades a um tempo com o homem e com o *Pithecanthropus*, torna cada vez menos inverosimil a associação taxonómica da calote de Trinil com os fêmures respectivos. Seja como fôr, estas mesmas hesitações mostram o valor das descobertas de Java e de Chu-Ku-Tien como argumentos em favor da origem animal do corpo humano.

E a alma? Precisamente, numa segunda passagem dos nossos artigos (pág. 23) nos referimos à comunidade que Hrdlicka encon-

tra entre a vida psíquica inferior do homem e o psiquismo animal. Na verdade, graças aos trabalhos de Leuret, Turner, Moritz Holl, Elliot Smith, Anthony, Santa Maria, etc., foi possível enquadrar morfológicamente o neopálio cerebral do Homem no tipo do neopálio dos Primatas e dos Mamíferos em geral. Assiste-se através da série dos Mamíferos e dos Primatas até ao Homem, a uma operculização progressiva do território central pelo território periférico do neopálio, com a redução progressiva dos lobos olfactivos e a frontalização crescente que no ser humano atingiu o máximo.

O « complexo silviano » aparece no Homem com uma disposição particular, outras estruturas cerebrais se complicaram ou modificaram, o « sulco do macaco » (o *Affenspalte* ou *sulcus lunatus*) desapareceu ou reduziu-se, a scisura de Sílvio ou *sulcus lateralis* tornou-se quasi horizontal, etc., etc. Apesar da complicação do cérebro humano, apesar do muito que nêle se ignora, foi possível emfim estabelecer entre o neopálio dos Mamíferos e o dos Primatas e do Homem correspondências cuja determinação o estudo separado daquele e dêste, nomenclaturas e aparências diversas, dificultavam (Vd. especialmente um artigo de R. Anthony no último n.º de 1934 da « *Revue Générale des Sciences* », p. 659).

Com esta evolução morfológica que aparece nítida, coincidem testemunhos impressionantes da psicologia comparada. É certo que Thorndike, por exemplo, tinha, sobre uma base experimental, afirmado que são exageradas as concepções correntes sobre a inteligência dos cães e dos gatos: estes não associariam, não pensariam; tudo se reduziria nêles, segundo Thorndike, a percepções e a impulsos... Mas Louis Boutan concluiu, por exemplo, relativamente ao gibão, que o seu desenvolvimento psicológico era paralelo ao da criança até à data em que esta começa a falar: a posse da linguagem articulada é que vinha bruscamente favorecer o desenvolvimento da mentalidade infantil. Por outro lado, Koehler, depois de expôr os resultados de curiosíssimas experiências realizadas de 1913 a 1920 na estação zoológica de Tenerife em chimpanzês, concluía que estes « mostram um comportamento inteligente do género do que se conhece no homem ». « As nossas observações — escreve Koehler — concordam com as teorias evolucionistas: em particular a correlação da inteligência e do desenvolvimento do cérebro confirma-se ».

Ao lêr o relato dessas experiências, ao vêr como os chimpanzês *resolvem* dificuldades que se lhes anteparam, empregam instrumentos que se lhes oferecem, architectam construções para obter determinados resultados, ao vêr, no meio das suas inabilidades, de tentativas frustes, algumas suas atitudes quasi humanas perante o mundo exterior e nas suas relações mútuas, ao vêr



como se comportam diante dum espelho ou duma fotografia, é impossível deixar de sentir que a própria vida psíquica liga intimamente o homem ao reino animal. Quem pode negar as influências da vida vegetativa sôbre a vida psíquica, quem pode negar os processos fisiológicos, os mecanismos bioquímicos, endocrínicos, etc., que estão na base de muitas manifestações da actividade mental, quem pode negar o papel formidável dêsse «inconsciente» que o dr. Toulouse diz mesmo englobar tôda a psicologia e cujas raízes na animalidade são evidentes?

E, no entanto; nem a morfologia cerebral do Homem está já plenamente sistematizada e elucidada em todos os seus pormenores, nem a cito-arquitectura cerebral está definitivamente relacionada com as localizações funcionais, nem a fisiologia cerebral está perfeitamente esclarecida, nem os variados aspectos da vida psíquica do Homem aparecem nitidamente reductíveis, sem excepção, a processos puramente animais.

Do mesmo modo que a vida é mais alguma coisa do que uma integração de processos físico-químicos, também o pensamento humano é mais alguma coisa do que uma integração de processos biológicos. A originalidade do homem nos mundos da ciência, da técnica, da arte, da religião, é indiscutível. E é nessa originalidade que se encontra provavelmente o motivo da asserção bíblica de que o homem foi feito «à imagem e semelhança» da Divindade. Semelhança corporal? Quem pensa nisso? Semelhança, sim, nas faculdades creadoras, modestas no homem, sem limites acessíveis à compreensão humana no poder divino. Porisso mesmo é que o génio está mais perto de Deus do que o vulgo.

A especificidade da psicologia humana não engloba de-certo tôdas as nossas manifestações psíquicas, tantas são as que resvalam pela mais mesquinha animalidade. Mas, onde quer que na mente humana, surgem clarões reveladores, representações, inéditas no mundo animal, conscientes, dignificadoras, de perfeição moral, de verdade, de beleza suprema, de justiça —, abrem-se os horizontes dum mundo novo, imenso, deslumbrante, magnífico, que transcende da natureza, que nos transporta, maravilhados, ao limiar do domínio encantado das verdades eternas.





132964340X

